

**O teatro negro da salvação: a iconografia sacra da Igreja Nossa
Senhora do Rosário na Vila do Lagarto oitocentista**

Amanda de Oliveira Silva Anunciação¹

RESUMO:

A atual pesquisa expõe a trama barroca desfilando na vila do Lagarto no período oitocentista associada à irmandade de Nossa Senhora do Rosário e as festividades a São Benedito.

PALAVRA-CHAVE: Irmandade, Nossa Senhora do Rosário, Vila do Lagarto, São Benedito, iconografia.

ABSTRACT:

The current research exposes the baroque age in the village of Lagarto during the nineteenth century associated to the brotherhood of Our Lady of the Rosary and the festivities of Saint Benedict.

KEYWORDS: Brotherhood, Our Lady of the Rosary, Lagarto village, Saint Benedict, iconography.

A iconografia se articula verdadeiramente com a História e particularmente com a História do sentimento religioso” (Michel Vovelle)

A festa da irmandade de Nossa Senhora do Rosário da vila do Lagarto nos oitocentos, vem exhibir os patronos da festa. Era o momento em que os atores desfilavam no palco da fé. Como podemos constatar no termo de compromisso da Irmandade do Rosário da vila do Lagarto “a festa da irmandade é a da virgem Senhora do Rosário”².

¹ Graduada em História. amandafjav@yahoo.com.br

² SANTOS, Dijalma Oliveira Trindade dos. **Devoção e assistência:** compromissos de irmandades sergipanas no século XIX. São Cristóvão – SE: UFS, 2008. Resolução e compromisso da irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Villa do Lagarto, resol. N. 963 de 31 de março de 1874, art. 1 fica aprovado o compromisso da irmandade de N.S. do Rosário da Villa do Lagarto. Art. 2 revogam-se as disposições em contrário. p.151.

Neste sentido fica perceptível que além de Nossa Senhora do Rosário desfilar nas ruas desta vila, outras imagens fizeram parte deste cenário religioso. No cortejo chegavam a sair cerca de 16 santos, entre esses estavam: São Benedito, Santa Ifigênia, São Gonçalo e Santo Antônio³.

Podemos dizer que as imagens que hoje dispomos no templo de Nossa Senhora do Rosário, foram protagonistas das festividades e devoção no século passado que encheram as ruelas desta cidade. Embora Melo Morais Filho nos informe que a festa onde as imagens figuravam ao ar livre celebrava-se na matriz de Nossa Senhora da Piedade e de onde saía a procissão dirigindo-se a igreja do Rosário⁴, é provável que as imagens usadas nas procissões fossem desta. A documentação não deixa muito clara quais seriam imagens dos cortejos deixando-nos uma dúvida, as imagens que seguiam na procissão eram da Matriz ou do Rosário?

O que se sabe é que o objetivo da população nos oitocentos, na vila do Lagarto, era o culto as sagradas imagens que passeavam, nas casas, sobre o olhar atento dos fieis, num momento de festividade e deslumbramento no cotidiano da encantadora vila.

Assim a arte barroca na freguesia da Piedade foi cada vez mais se tornando acessível aos olhos e devoção dos fieis. . A iconografia católica era apresentada ao público:

A iconografia cristã apareceu no fim do séc. II, inicialmente nos sarcófagos e catacumbas, em muito suscitada pelos mitos bíblicos da imortalidade da alma. Essas representações, ainda bastante abstratas, demonstram o triunfo da fé sobre a morte, como aquele proporcionado pela ressurreição de Lázaro e de Cristo, algumas das imagens mais comuns no período paleocristão.

³ DANTAS, Beatriz Góis. **A Taieira de Sergipe**: uma dança folclórica. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 49.

⁴ FILHO, Melo Morais. **Festas e Tradições populares no Brasil**. 3º Ed. Rio de Janeiro: Briguiet e Cia, 1946. p.88.

Expressar e figurar histórias e narrações da sagrada Escritura é conveniente para instrução do povo ignorante: “isto não é copiar a divindade, como se fosse possível vê-la com olhos corporais ou expressá-la com cores e figuras. Destitua-se toda superstição na invocação dos santos, na veneração das relíquias e no uso das imagens”²⁴⁶. Dessa forma Arrivabene diz que:

As imagens não só recordam ao povo os benefícios e dons concedidos por Cristo, mas também expõem aos olhos dos fiéis saudáveis exemplos dos santos e dos milagres que Deus realiza com o fim de que a ele dêem graças e regrem sua vida e costumes pelo exemplo dos mesmos santos e assim se voltem para adorar e amar a Deus, praticando a piedade.⁵

Provavelmente a população da vila do Lagarto buscava incansavelmente uma santidade, advinda dos seus santos homenageados naquele dia tão sublime, buscando os exemplos de cada imagem para seguir a vida com mais dignidade e fé, regradando suas existências de costumes e crenças. Assim “diante das imagens sacras, o homem é requisitado a sair da imersão do tempo em que vive e tornar-se novamente apto para a flexão temporal. Não viver somente o instante e supervalorizar o efêmero”⁶.

Dessa maneira a arte barroca atendeu impecavelmente “em seu tempo ao direcionamento, ao momento histórico em que o ocidente estava inserido”⁷. As esculturas barrocas “são providas de motivos florais, a figura de anjos, as linhas espirais, enfim, as formas sugerem movimentos e quebram a monotonia das linhas retas que geometrizam o espaço”⁸. Percebemos que a arte barroca no Brasil delineava uma nova corrente através do estudo das línguas indígenas, a utilização da arte barroca como instrumento de convicção persuade pelo olhar nas

⁵ BESANÇON, A. **A imagem proibida**: uma história intelectual da iconoclastia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 179.

⁶ DIDI-HUBERMAN, G. **Poderes da figura**: exegese e visualidade na arte cristã. In: Revista de Comunicação e Linguagens, nº 20, Figuras. Lisboa, 1994, p. 322.

⁷ FILHO, José Hedilberto Moereira. **A arte do Barroco**: Patrimônio religioso da igreja matriz de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. São Cristóvão, 2007. p. 11.

⁸ Idem.

pinturas e nas imagens como algo de propósito instrumental. Por sua vez as imagens que desfilavam no dia da procissão de São Benedito no Lagarto antigo expunham-se como “representações teatrais do ideal religioso católico que superava o sentido cívico, absorvendo o lugar social e político no universo dos homens” os quais habitaram os oitocentos na Vila de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto.

As imagens que saíam no dia da procissão de São Benedito pelas ruas da vila, demonstravam-se radiantes com vários enfeites, flores e andores luxuosos. Eram tratadas com muito regozijo e o devido respeito que mereciam. As ruas enchiam de exultação, fazendo com que cada participante acabasse esquecendo os problemas diários, principalmente os escravos que aproveitavam a festa para escapar do cativoiro⁹. Notamos o quanto a iconografia em Lagarto se popularizou, os fiéis demonstravam atos de fé, culto e devoção no cenário onde os principais atores eram as imagens sagradas.

Assim faremos uma análise detalhada das imagens sacras da igreja de Nossa Senhora do Rosário que nos oitocentos foi palco da fé contida nos habitantes da vila do Lagarto. Ao ser realizado o levantamento da imaginária sacra do Rosário, pairamos sobre uma dúvida. Encontramos a maioria das imagens em gesso, o que provavelmente acarretaria em obras do século XX e não as imagens que foram alvo da devoção no século XIX. Porém na sacristia da igreja matriz de Nossa Senhora da Piedade nos deparamos com algumas imagens em madeira esculpidas e folheadas a ouro guardadas em armários. A maior parte da iconografia da matriz se apresenta em madeira esculpida e que não se tem muita certeza, mas dizem serem todas folheadas a ouro, segundo o sacristão Roberval.

Desta maneira pode-se deduzir que estas imagens guardadas na matriz poderiam ser as utilizadas na procissão. Um dado interessante é que ao nos mostrar que São Benedito desfilava pelas ruas da cidade no dia da procissão Melo Moraes Filho diz que ele vinha “rindo com os

⁹ FILHO, Melo Moraes. **Festas e Tradições populares no Brasil**. 3º Ed. Rio de Janeiro: Briguiet e Cia, 1946.

dentinhos de fora, para o Menino Jesus que trazia deitado nos braços”¹⁰, o curioso é que a imagem que se encontra na igreja do Rosário não tem os dentinhos de fora, e nem a imagem guardada na sacristia da matriz, o único que se mostra com essa característica é a iconografia que se encontra no altar da igreja matriz de Nossa Senhora da Piedade que teve uma restauração em 1987. Talvez nos tirando aquela dúvida com relação aos santos que desfilavam pelas ruas da vila, se eram as imagens da Matriz ou do Rosário?

1 O CENÁRIO: A IGREJA DO ROSÁRIO

A igreja localiza-se na Praça do Rosário, e dispõe de 20 imagens iconográficas onde segundo os sacristães somente Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, São Domingos de Gusmão, São Joaquim e Santo Antônio dos pobres são esculpidas em madeira. O restante se apresenta em gesso onde quatro dizem respeito a Nossa Senhora das Graças, provavelmente pelo fato da igreja ficar disponível para a Legião de Maria¹¹. A Legião também tem seus deveres a cumprir, além dos cargos ocupados, dispoendo de tesoureiro, presidente, vice-presidente e a pessoa encarregada de escrever as atas. São muitos os grupos da legião de Maria denominados como presídios espalhados pela cidade e os seus irmãos se encarregam de visitar os enfermos, participar de missas, ajudar na entrega e coleta dos jornalzinhos, acompanharem os enterros dos irmãos e não irmãos e assim por diante.¹² Dessa forma fica evidente a semelhança com a irmandade, porém sem a rigurosidade estabelecida nas Irmandades do período oitocentista e com a diferença substancial de ter o pároco como autoridade máxima.

¹⁰ FILHO, Mello Morais. **Festas e tradições populares do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. p.91.

¹¹ Isso é um sinal das ações das reformas ocorridas no seio da Igreja Católica, que paulatinamente substituiu as irmandades de leigos e voltadas para a devoção popular por grupos de leigos sob a tutela do clero como a Legião de Maria e Apostolado da Oração. Nesse caso, a Legião de Maria seria a substituta da irmandade do Rosário e testemunho da ação romanizadora em Lagarto.

¹² Relato próprio, já que por 5 anos cheguei a participar da Legião de Maria, notando assim essa semelhança com Irmandade do Rosário nos oitocentos, observando que a legião tem um representante geral: o pároco e a irmandade não tinha.



FIGURA I. Fachada da Igreja do Rosário Foto: Amanda de O.S. Anunciação, 2011

A Figura I evidencia a fachada da Igreja Nossa Senhora do Rosário em Lagarto. Podemos perceber que o templo católico apresenta características que destoam das construções oitocentistas. Isso é a resultante das reformas pelas quais a igreja passou ao longo dos anos, que teve como consequência direta a descaracterização dos traços do barroco. Mesmo assim, pode-se afirmar que a construção apresentava traços arquitetônicos marcados pela simplicidade.

Neste sentido, o culto aos santos na vila do Lagarto particularmente no dia em que os atores desfilavam no palco da fé, até chegarem ao largo do Rosário, se expressavam bem acentuado, assim percebemos que:

Demonstra, por parte da Igreja, a preocupação manifesta de humanização do culto cristão, no sentido de tornar próximas as formas de mediação cultural, ou a apreensão mais imediata, sensível e material dos significados atribuídos às imagens.¹³

¹³ RIBEIRO, José Manuel. **Significado e função das imagens**. In: Câmara Municipal de Paredes de Coura. Arciprestado de Paredes de Coura. Universidade Portucalense Infante D. Henrique (Org.). *Imaginária Religiosa Barroca: Paredes de Coura 2002/2003*. Paredes de Coura: Câmara Municipal de Paredes de Coura. 2002. p. 15. Cf também. MÂLE, Émile. *L'art religieux du XVIIe siècle: Italie, France, Espagne, Flandres*. Paris: Armand Colin Éditeur, 1984. 479 p.; WEISBACH, Werner. *El Barroco: Arte de la Contrarreforma*. Madrid. Espasa-Calpe S.A., 1948. p.337

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário foi palco da fé, culto, devoção, louvor, muita alegria e ostentação, durante os oitocentos mais precisamente no dia 06 de janeiro quando a população da elegante vila do Lagarto saía às ruas na procissão em louvor aos santos de devoção. O largo do Rosário servia de preparativos para a tão esperada festa que começava no dia 1º de janeiro.¹⁴ Este templo serviu muitos anos para a irmandade do Rosário onde se reuniam leigos para praticar o catolicismo tradicional,¹⁵ em distinção de cor e condição social.¹⁶

3 OS ATORES: ICONOGRAFIA DA IGREJA DO ROSÁRIO

Começaremos a análise fazendo algumas comparações devidas das imagens da igreja do Rosário e as guardadas na Igreja matriz desta cidade. Faremos as medidas de cada imagem, podendo haver algum erro de 2 cm para mais ou para menos, devido a dificuldade de se retirar algumas imagens de seus devidos locais. Importante lembrar também, que a maioria das imagens da igreja do Rosário não puderam ser tocadas para uma análise profunda, por estarem em locais altos ou presas em oratórios, podendo haver alguma divergência, pois uma parte que iremos comentar foi a partir dos relatos dos sacristãos que acompanharam esta pesquisa. Observe a Figura II:

¹⁴ FILHO, Mello Morais. **Festas e tradições populares do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

¹⁵ NASCIMENTO, Flávio Santos do. Um estudo sobre a irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Villa do Lagarto (1856-1875). São Cristóvão. 2009.p.1.

¹⁶ SANTOS, Dijalma Oliveira Trindade dos. **Devoção e assistência**: compromissos de irmandades sergipanas no século XIX. São Cristóvão – SE: UFS, 2008. Resolução e compromisso da irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa do Lagarto, resol. N. 963 de 31 de março de 1874, art. 1 fica aprovado o compromisso da irmandade de N.S. do Rozário da Villa do Lagarto. Art. 2 revogam-se as disposições em contrário. Art.1. p.146.



FIGURA II. Altar da Igreja do Rosário, Foto: Amanda de O.S. Anunciação, 2011

No altar da igreja do Rosário, situa-se Nossa Senhora do Rosário no centro dentro de um oratório rodeada por Santo Expedito e São Benedito do lado esquerdo, São Joaquim e São Domingos de Gusmão ao lado direito. Na pintura que ladeia o nicho-mor destacam-se as imagens de anjos, nuvens e a pomba simbolizando o Espírito Santo propagando raios de luz. Trata-se de uma estrutura simples, mas que revela os traços da religiosidade e o imaginário católico, que inclui duas pessoas da Santíssima Trindade: o Filho nos braços da Virgem do Rosário e o Espírito Santo. Além disso, também há um Crucifixo de madeira símbolo da Paixão de Cristo. A Figura III destaca a imagem do altar-mor:



FIGURA III. Nossa Senhora do Rosário, acervo da igreja do Rosário, Foto: Amanda de O.S. Anunciação, 2011

Eis a imagem de Nossa Senhora do Rosário, que serviu de devoção para os irmãos e não irmãos da irmandade na vila do Lagarto nos oitocentos. Uma das protagonistas da festa que abrilhantava a

procissão deslumbrante de riqueza, seus adereços “faiscavam aos revérberos do sol poente e a prataria brilhava como escudos reluzentes”¹⁷. A imagem corresponde fielmente à descrição dos cronistas oitocentistas e revela o imaginário católico do século XIX em que a Virgem aparece coroada, como rainha do Céu e da Terra, enquanto o menino Jesus aparece com o resplendor, designando está ali o Salvador do Mundo. Uma imagem esculpida em madeira, medindo 63 cm de altura, cercada por três querubins, segurando um terço que na verdade teria que ser um Rosário, mas acabou desaparecendo dão logo do templo, nos braços a embalar o pequeno Menino Jesus com apenas 20 cm vestido de branco, demonstrando a pureza.

São inúmeras as imagens de Meninos Jesus que compõem os acervos dos nossos museus e coleções particulares. Traduzindo a pureza da infância, a figura do Jesus Infante se popularizou no Brasil, tornando-se presença obrigatória nos oratórios familiares e nos conventos femininos.¹⁸

E varias imagens analisadas se apresentam com o Menino Jesus nos braços o que chamamos de imagem secundária. Apresentando sobrancelhas finas e rosto redondo de cor aparentemente branca e rosada Nossa Senhora do Rosário veste uma túnica colorida com manto em tons de vermelho, azul e dourado, levando a cabeça uma coroa. O artista desconhecido que esculpiu a imagem se preocupou em evidenciar os traços de realeza, pois a soberana aparece com a cabeça erguida e voltada para o Cristo Menino. Além disso, a pintura policromada da túnica apresentam algumas rosas, que simbolizam a virgindade de Maria. Trata-se de uma imagem que se encontra em ótimo estado de conservação. A patrona da igreja é ladeada por imagens que representam o novo leque devocional da cidade, entre os quais se destacam Santo Expedito. Observe a Figura IV:

¹⁷ FILHO, Mello Morais. **Festas e tradições populares do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. p.93.

¹⁸ SILVA, Edjane Cristina Rodrigues da. Influência da iconografia indo-portuguesa na representação do Menino Jesus do monte. Museóloga – Coordenadora do Setor de Exposição MAS/UFBA. p.1730.



FIGURA IV. Santo Expedito, acervo da Igreja do Rosário, Foto: Amanda de O.S. Anunciação, 2011

Santo Expedito conhecido como o santo das causas impossíveis, esculpido em gesso, com apenas 35 cm de altura apresenta-se com uma cruz na mão direita e uma folhagem na esquerda (designando o martírio que sofreu), com uma capa vermelha, olhos pequenos e cabelos ondulados. Do outro lado, encontra-se a iconografia representativa da devoção afro-católica, São Benedito. Observe a Figura V:



FIGURA V. São Benedito, acervo da Igreja do Rosário, Foto: Amanda de O.S. Anunciação, 2011

São Benedito, o santinho preto, a Figura V se apresenta em madeira esculpida, medindo 84 cm de altura, vestindo túnica marrom com dourado e um manto semelhante, aos braços trazendo o Menino Jesus com somente 24 cm com vestes brancas explanando a inocência, calçado numa sandália simples, olhos vivos e pretos, lábios volumosos, cabelos cacheados, esta imagem se encontra no acervo da igreja do Rosário de Lagarto.

A Figura V evidencia uma das representações de São Benedito existente em Lagarto. O patrono dos negros. É muito provável que a referida imagem se trate da representação de um dos milagres atribuídos ao santo, ou seja, seria São Benedito das Flores¹⁹, em que com a mão direita o santo segura um pão e com a esquerda um cesto com flores, ora substituído pela imagem do Menino Jesus. A presença do Menino Deus nos braços do santo não exclui a hipótese de haver a cesta com aflores sob o menino.

A Figura VI encontra-se guardado na igreja matriz, esculpido em madeira. Com 82 cm de comprimento, de cor negra, cabelos encaracolados, olhos grandes de vidro e cor castanhos claro, lábios volumosos, nariz fino, coberto numa túnica preta rodeada de dourado e segurando o Menino Jesus também esculpido em madeira apresentando a candura da infância. Demonstrando um santo de origem humilde nos seus traços faciais. Apresentando um excelente estado de conservação.

A imagem da igreja do Rosário é uma replica da original que ficava no altar no século XIX, Na matriz localizamos a imagem original. Observe a Figura VI:

¹⁹ Seria o milagre em que Benedito. Segundo a hagiografia do santo, quando ele era franciscano na Itália tinha o costume de distribuir pães aos pobres todas as manhãs. Um dia o superior da ordem descobriu fez um flagrante e perguntou o que Benedito tinha na cesta que estava em suas mãos. Ele teria dito que eram flores. Desconfiado do desaparecimento dos pães o superior retirou o pano e surpreendentemente viu que na cesta só tinha flores. Esse teria sido o primeiro milagre atribuído a trajetória do santo.



FIGURA VI. São Benedito, acervo da Igreja Matriz, Foto: Amanda de O.S. Anunciação, 2011

A Figura VI apresenta a versão original da imagem que se localiza no Rosário. Trata-se de um São Benedito em madeira segurando um pão e no outro braço o menino Jesus. É uma imagem policromada em que o santo aparece com o hábito franciscano. A talha apresenta traços rudes, evidenciando não se tratar da obra de um grande artista. A imagem caracteriza-se mais pela simplicidade e rusticidade do que pela beleza, ao contrário do que ocorre com a imagem exposta na Matriz, em que São Benedito aparece com traços refinados e evidenciando se tratar da obra de um artista bem mais apurado. Observe as Figuras VII, VIII e IX:



FIGURAS VII, VIII e IX. São Benedito, acervo da Igreja Matriz, Foto: Amanda de O.S. Anunciação, 2011

As Figuras VII, VII e IX, vem apresentar o São Benedito que se encontra no altar da igreja Matriz. Aquele sorrindo com os dentinhos de fora para o Menino Jesus que trazia assentado nos braços²⁰ em uma festa de negros²¹. Vestindo uma túnica preta com detalhes em dourado, de pés no chão, com 93 cm de altura, levando nos braços o Menino Jesus com 27 cm de comprimento, uma coroa em prata, sorridente, olhos vivos e de cor preta, nariz achatado, lábios volumosos, orelhas pequenas e cabelos cacheados. Como imagem secundária o Menino Jesus se apresenta vestido numa túnica branca com detalhes dourados, sorrindo, olhos azuis, sobrancelhas finas, encarnação branca e lábios avermelhados.

Portanto o santinho preto não poderia faltar. Tanto na igreja da elite (Matriz), como na dos pobres (Rosário), o patrono dos negros estava presente. Notamos que se tratam do mesmo santo, porém as imagens apresentam alguns traços deferentes. Desta forma, apesar de serem de artistas desconhecidos, provavelmente foram esculpidos por pessoas diferentes, proporcionando características semelhantes e distintas ao mesmo tempo. Dessa forma FLEXOR nos diz que:

São pouquíssimas as imagens identificadas e a maioria delas já não está nas igrejas ou museus e aquelas que estão disponíveis à visibilidade atualmente são, na maioria, anônimas, de autores desconhecidos modernizadas, ou reencarnados ou foram trocadas por outras mais recentes... Essa dificuldade para identificação refere-se à origem das imagens. Muitas vieram de Portugal. Sem se fazer uma análise da madeira empregada na estrutura das imagens não é possível determinar sua origem, pois reproduziam os mesmos modelos. Mesmo assim é um critério muito precário, visto que grande quantidade de madeiras ia do Brasil para a Metrópole. Era costume enviar-se madeira a Portugal para que lá se executassem as imagens²².

²⁰ FILHO, Mello Morais. **Festas e tradições populares do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. p.91.

²¹ Idem. p.88.

²² FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Escultura barroca brasileira**: questões de autoria. Universidade federal da Bahia. p. 17.

Portanto, a maioria das imagens que hoje temos nos altares das nossas igrejas não tem um artista definido, mas que isso realmente não importa para os fieis, pois para estes a devoção para com as imagens é suficiente. Ao observar uma imagem sacra nos altares das igrejas o devoto não enxerga uma obra de arte, mas sim uma representação próxima do divino, um objeto sacro.

Assim notamos claramente com essas figuras que São Benedito apresenta-se com os dentinhos de fora, sorrindo para o Menino Jesus e para a multidão que o aclamava em sua festa. A descrição dos cronistas dos oitocentos revela brechas, sinais que fazem com hoje seja possível distinguir o lugar social de cada imagem na trama da irmandade do Rosário. Trechos aparentemente com pouca relevância como “dentinhos de fora” assumem papel preponderante na análise do historiador, pois as palavras passam a ser vistas como indícios para a compreensão do passado²³. O motivo pelo qual foi retirado o Menino Jesus de seus braços nas figuras VII e IX foi para melhor notarmos o seu belo sorriso. Acredita-se então que provavelmente o santo que desfilava na procissão do dia 06 de janeiro de cada ano nos oitocentos, era a imagem de São Benedito do altar da igreja matriz, pois é o único que nos apresenta as características descritas por Melo Morais Filho²⁴.

O que é notável é que algumas imagens que encontramos no acervo do Rosário, também são encontradas guardadas na igreja Matriz, com exceção de São Benedito demonstrado nas figuras citadas anteriormente que se refere a imagem que esta no altar da igreja. Portanto poderíamos confirmar a hipótese sobre as imagens que saíam nas procissões do século XIX ao mesmo tempo retirar aquela dúvida lá do início desse capítulo.

É nesse momento que supomos que essas imagens eram da matriz, já que tínhamos um acervo semelhante com o da Igreja do

²³ GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” IN **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

²⁴ FILHO, Mello Morais. **Festas e tradições populares do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. p.91.

Rosário guardados na Igreja de Nossa Senhora da Piedade. E, portanto, qual seria o intuito de ter essas imagens semelhantes com as do Rosário preservadas na Matriz, provavelmente para não precisar retirar os santos do Rosário para trazer até a Matriz, pois quando o cortejo chegasse ao largo do Rosário o altar estaria vazio. Talvez por este motivo a paróquia da Piedade tinha imagens semelhantes sobre sua guarda.

Todavia, essa hipótese é frágil, diante das questões religiosas pertinentes ao século XIX. A religiosidade oitocentista é marcada por um verdadeiro panteão de devoções e as mesmas estavam associadas a distinção social. Como já vimos anteriormente, a devoção a São Benedito na vila do Lagarto não era exclusiva dos escravos e das camadas populares. A elite lagartense também tinha apreço ao santo “pretinho”, como atestam os memorialistas. Se havia essa devoção, não é de se estranhar que a imagem do santo também estivesse presente nos altares da Matriz.

Outros atores se destacam no acervo da Igreja do Rosário. Uma delas é a imagem de São Joaquim. Observe as Figuras X e XI:



FIGURA X e XI. São Joaquim, acervo da Igreja do Rosário e da Matriz, Foto: Amanda de O.S. Anunciação, 2011

A Figura X, São Joaquim medindo 35 cm de altura, esculpido em madeira, nas mãos segurava um cajado que desapareceu da igreja²⁵, vestindo túnica azul com manto vermelho e dourado, apresenta barba e

²⁵ Geralmente os cajados das imagens sacras eram de prata, o que pode ter propiciado o furto.

bigode, olhos puxados, mão esquerda sob o peito, olhar fixo, boa conservação, se encontra sobre guarda da igreja do Rosário. Trata-se da imaginária da sagrada família, do avô de Cristo na tradição cristã. Percebe-se que a imagem foi encarnada recentemente, fato que a torna aparentemente mais nova do que a imagem da Matriz.

Já a Figura XI encontrada na igreja de Nossa Senhora da Piedade, São Joaquim mede, 32 cm de altura, também esculpido em madeira, olhos de vidro de cor preto, encarnação branca, vestido com túnica e manto coloridos, barba grande, nariz fino, boca pequena, faltando também seu cajado, precisando de uma restauração.

A Figura XII, São Domingos de Gusmão, medindo 65 cm de altura, esculpido em madeira, apresenta-se com um cajado e uma bíblia nas mãos. Usando túnica branca com bordas douradas e sobre ela um manto marrom, olhos azuis, Imagem bem conservada. É uma imagem enigmática, pois aparentemente não possui nenhuma relação com a devoção dos segmentos populares. No entanto, é preciso lembrar que a imagem está com o hábito dos dominicanos e que São Domingos foi o fundador da referida ordem. Além disso, há indícios que os dominicanos teriam passado no período colonial pela região do Vazabarris e teriam tentado criar uma povoação que mais tarde daria origem ao município de São Domingos²⁶. A Figura XII evidencia a descrição:



FIGURA XII e XIII. São Domingos de Gusmão, acervo da Igreja do Rosário e da Igreja Matriz, Foto: Amanda de O.S. Anunciação, 2011

Já a Figura XIII guardada na igreja matriz, está faltando o bastão. Também esculpido em madeira policromada, segurando uma bíblia e suas vestes apresentam-se em cores diferentes da imagem encontrada no

²⁶ NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Colonial II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

rosário, manto marrom com dourado e túnica azul, olhos vivos de vidro de cor azul. Precisando de restauração pois nota-se que a madeira está bem desgastada.

No Rosário também se destaca o crucifixo com o Senhor Morto. A cruz de madeira e imagem de Jesus crucificado em gesso, com 73 cm de altura. A cruz tem detalhes em dourado e o próprio Cristo expondo suas chagas.

Trata-se de uma imagem de inspiração rococó, em que a dramaticidade da cena não expõe o exagero das chagas, mas ainda mantém os ricos detalhes das extremidades da cruz.



FIGURA XIV. Cruz, acervo da Igreja do Rosário, Foto: Amanda de O.S. Anunciação, 2011

Foi analisado até agora as iconografias situadas no altar da igreja do Rosário fazendo assim algumas comparações dos santos encontrados na igreja matriz. Agora analisaremos as imagens encontradas nos altares laterais e na entrada da capela do Rosário. A primeira imagem que apresentamos é a de outro crucificado, como pode ser observado na Figura XV:

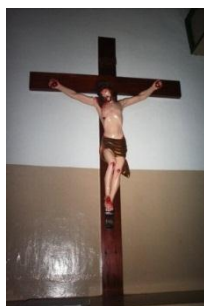


FIGURA XV. Crucifixo, acervo da Igreja do Rosário, Foto: Amanda de O.S. Anunciação, 2011

Cruz de madeira, imagem em gesso, com 1 metro e 55 centímetros de altura, nos mostra Cristo crucificado, cabelos longos ondulados, encarnação branca, magro, ferimentos pelo corpo. O estado de conservação é bom. Provavelmente essa imagem foi produzida no século XX e incorporada ao acervo do templo. No altar lateral encontram-se três nichos com imagens que representam o novo leque devocional do catolicismo mesclado às devoções tradicionais, como São José, patrono da Igreja e da família. A Figura XVI ilustra essa recontextualização do templo que re-atualiza as devoções:



FIGURA XVI. São José, Nossa Senhora das Graças e São Luiz Gonzaga, acervo da Igreja do Rosário, Foto: Amanda de O.S. Anunciação, 2011

São José do lado direito, escultura de gesso medindo 82 cm, na sua mão direita encontra-se com um ramo de flores, e no braço esquerdo o Menino Jesus medindo 27 cm também em gesso. Vestes marron, com detalhes dourados, pés no chão, cabelos ondulados, barba e bigode a mostra, olhos fixo ao chão.

Nossa Senhora das Graças ao meio, em gesso, 81 cm de altura, túnica branca com azul e detalhes dourados, manto azul e véu branco apresentando as bordas em dourado também, encarnação branca. Pisando na cabeça da serpente, significando cortar o mal pela raiz, além de utilizar uma coroa de estrelas. Olhos grandes, boca pequena, nariz e sobrancelhas finas.

São Luiz Gonzaga ao lado esquerdo, mede 83 cm, segura nas mãos um crucifixo, e aos braços flores, veste túnica branca com preto e detalhes dourado, cor da pele branca e olhos fixos ao crucificado. Nariz e sobrancelhas finas, boca pequena. Todos bem conservados.

Ao lado direito da capela do Rosário se encontra: Santa Luzia, Nossa Senhora do Rosário e Santa Edwirge. Mais uma vez percebemos a mescla da iconografia tradicional do templo com imagens mais recentes, como pode ser constatado nas Figuras XVII, XVIII e XIX.



FIGURAS XVII, XVIII e XIX. Nossa Senhora do Rosário, Santa Luzia e Santa Edwirges, acervo da Igreja do Rosário, Foto: Amanda de O.S. Anunciação, 2011

Figura XVII Nossa Senhora do Rosário ao direito em gesso, medindo 65 cm e com características parecidas com a primeira imagem analisada, porém se percebe que o colorido da túnica é mais acentuado, mais forte, os olhos desta esta bem aberto, enquanto o da outra imagem esta quase fechado. A coroa mais simples, enquanto da escultura em madeira demonstra ser algo mais luxuoso com mais ostentação. As duas imagens em bom estado de conservação.

Figura XVIII, Santa Luzia ao lado esquerdo, medindo 73 cm também em gesso, encarnação branca rosada, olhos fixos ao alto, segurando em uma das mãos uma palma símbolo do martírio. Coroa de flores, manto vermelho, túnica verde, cabelos ondulados.

Já a Figura XIX, Santa Edwirge é importante ressaltar que é bem recente na igreja do Rosário. Segundo o sacristão foi uma doação que ocorreu em 2011 de uma devota da santa. Mede 62 cm, apresentam-se de cor branca, com túnica e manto preto, vestes brancas, olhos azuis ao alto.

Ao lado esquerdo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário encontramos Nossa Senhora da cabeça, Santa Inês, Nossa Senhora Aparecida e Santo Antônio. Analise a Figura XX.



FIGURA XX. Nossa Senhora da Cabeça, acervo da Igreja do Rosário, Foto: Amanda de O.S. Anunciação, 2011

A iconografia mariana da Figura XX é Nossa Senhora da Cabeça, também esculpida em gesso, medindo 1,30 de altura, se mostra com uma cabeça em uma das mãos e na outra o menino Jesus. Com túnica vermelha, manto azul e véu dourado, apresenta-nos olhos azuis e boca avermelhada, bem como sobrancelhas finas e rosto arredondado, véu em tons de dourado, bem mantida. A devoção a Nossa Senhora da cabeça era consideravelmente popular no sudeste oitocentista, mas no Nordeste do Brasil só chegou no final do século XX.



FIGURAS XXI e XXII. Santa Inês e Nossa Senhora Aparecida, acervo da Igreja do Rosário, Foto: Amanda de O.S. Anunciação, 2011

Santa Inês do lado direito medindo 80 cm de altura, esculpida em gesso, olhar triste e atento ao chão, aos braços levando uma palma e um carneiro. Cabelos cacheados, coroa em dourado, túnica verde e manto vermelho, sobrancelhas finas e nariz arrebitado. Ao lado esquerdo Nossa Senhora Aparecida padroeira do Brasil, imagem negra, com 80 cm usa túnica, manto preto e coroa dourada. As duas se mostram bem cuidadas. E foram incluídas recentemente no acervo. As

Figuras XIII e XIV evidenciam as duas faces de uma devoção na mesma cidade. É o Santo Antônio dos pobres e o dos ricos.



FIGURAS XXIII e XXIV. Santo Antônio, acervo da Igreja do Rosário e da Igreja Matriz, Foto: Amanda de O.S. Anunciação, 2011

Santo Antônio, o famoso casamenteiro, medindo 74 cm de altura, esculpido em madeira, segura em uma das mãos o menino Jesus e na outra uma cruz de madeira. Com os pés no chão, túnica marrom com detalhes dourado, olhos grandes, cabelos encaracolados, boca arrebitada e olhar fixo para alhures.

O esplêndido andor de Santo Antônio não deixava de comparecer a procissão na vila do Lagarto, sendo a imagem de estatura natural, arrecadava cultos e louvores ao desfilar pelas ruas desta pequena e humilde vila dos oitocentos²⁷. Infelizmente essa imagem de estatura natural não é do conhecimento dos sacristães que acompanharam o presente estudo. A imagem XXIV encontrada na Igreja matriz, mede 76 cm de altura e tem sobre a cabeça uma esplendorosa coroa dourada, nas mãos segura uma cruz de prata, no colo carrega o Menino Jesus, olhar fixo, veste marrom, muito parecido com o anterior, As demais imagens da igreja do Rosário está relacionada à Legião de Maria, como pode ser observada nas Figuras XXV, XXVI e XVII.

²⁷ FILHO, Mello Morais. **Festas e tradições populares do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. p.91.



FIGURAS XXV, XXVI e XXVII. Nossa Senhora das Graças, acervo da Igreja do Rosário, Foto: Amanda de O.S. Anunciação, 2011

As três imagens em gesso de Nossa Senhora das Graças utilizadas pelos presídios da Legião de Maria, como podemos perceber no pano que cobre a banca. Todas as terças e quintas os irmãos se reúnem para definir as tarefas e saber o que foi feito durante a semana. As imagens são semelhantes, bem conservadas e algumas mostram no manto em tons mais escuros de azul, outras em tons mais claros, porém todas estão pisando na cabeça da serpente e de braços abertos para acolher o bem.



FIGURA XXVIII. Santa Ifigênia, acervo da Igreja Matriz, Foto: Amanda de O.S. Anunciação, 2011

Santa Ifigênia também é uma das imagens que encontramos na sacristia da matriz, uma escultura em madeira dourada, apresentando um ótimo estado de conservação, sorridente, encarnação negra, veste uma túnica preta com detalhes dourados, manto bege e véu branco, olhos negros de vidro. Nas mãos há uma Bíblia que sustenta a Igreja. De pés no chão e braços abertos para acolher os seus fiéis devotos da vila do Lagarto ao desfilar pelas ruas no dia da procissão de São

Benedito nos oitocentos, que a gente da terra afirmava ter sido parda²⁸. O que cremos ser um recurso dos padres da época para aprazer à população mestiça e encaminhá-la aos seus deveres de louvor.²⁹

Os pés descalços evidenciam o caráter popular dos seus seguidores. Assim como o Santo Antônio do Rosário, a imagem de Santa Ifigênia pode ser vista como um indício da devoção dos segmentos populares de Lagarto na centúria dos oitocentos. É um testemunho histórico que contribui para a construção da História Social dos de baixo. A religiosidade barroca pode ser lida como indício das expressões devocionais, mas também das relações sociais.

A época barroca é, sobretudo um tempo dilacerado entre o horizonte promissor aberto pelo novo conhecimento da natureza e o sobressalto da existência humana num mundo descentrado em que se desfez a continuidade hierárquica do universo medieval. Por outro lado, é um período no qual se realizam também tentativas de contenção do organismo social em defesa da divisão tripartida, frente à iminente possibilidade de fragmentação da estrutura hierárquica. Os homens do barroco detinham uma concepção social voltada para a preservação dos privilégios²⁷⁴.

Dessa forma o barroco na vila do Lagarto serviu de inspiração para os fieis e estudiosos, numa tentativa de resgatar o passado de forma evidente. “Desde longa data a festa esteve presente na vida Ibérica e a festa religiosa integrava-se totalmente ao seu cotidiano”³⁰. E em Lagarto não foi diferente, as festividades católicas fizeram parte integrante da sociedade oitocentista, um momento em que as pessoas saíam da rotina para se unir ao restante.

Assim percebemos a importância dessas imagens na nossa lembrança, a iconografia foi à base de sustentação das festividades na vila do Lagarto nos oitocentos. Preservados dentro da igreja que serviu

²⁸ FILHO, Mello Morais. **Festas e tradições populares do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. p.92.

²⁹ idem

CAMPOS, Adalgisa Arantes, Renato Franco. Aspectos da visão hierárquica no barroco lusobrasileiro: disputas por precedência em confrarias mineira. **Tempo**, Rio de Janeiro, n° 17. p. 7.

³⁰ FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Procissões na Bahia**: teatro barroco a céu aberto. Universidade federal da Bahia/ Brasil.

de palco para elas por muitos anos ou na matriz da Piedade, o que importa que estejam servindo de fonte de pesquisas para que essa memória continue viva e seja elo da identidade do povo lagartense. A trama barroca nas ruas da vila continuará na lembrança de muitos por vários anos. É que continuemos a registrar e guardar tudo que se sabe para que se propague por várias gerações. O valor emocional que cada imagem transmite é imenso, chegamos a voltar ao passado num olhar minucioso de cada uma. É como se os oitocentos na vila do Lagarto estivessem a sua frente e pudéssemos senti-lo, ouvi-lo, tocá-lo. Pesquisar a iconografia implica em estudar as emoções, os sentimentos, os modos se fazer e as representações sociais de um povo.

A igreja de Nossa Senhora do Rosário na vila do Lagarto oitocentista foi palco de grandes acontecimentos que perpetuaram por varias gerações. A igreja continua bem preservada tendo recebido uma reforma recentemente. Dessa forma a memória das festividades a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário constituíram um espaço religioso intensamente vivido pela população.

Pode ser entendido que essa pesquisa tem como principal objetivo demonstrar a relação devocional dos fieis para com as imagens sagradas, que foi comprovado ao relatar a festa do santo dos negros, era o momento em que os fieis se reunião para um interesse: louvar e exibir sua devoção e expor o poderio da irmandade ao público. A trama barroca ao desfilar nas ruas da vila do Lagarto nos oitocentos era acolhida pela sociedade negra do período com muito entusiasmo.

Mas, como vimos às festas não eram exclusivas dos negros. A população da cidade, de diferentes segmentos sociais, assim como romeiros de localidades próximas deslumbrava-se com os festejos. Trata-se de um momento de exarcebação da cultura barroca na pequena vila do centro-sul da província de Sergipe.

A festa do Rosário da vila do Lagarto serviu de espaço e distinção sócio religioso entre os fieis, tratando-se de uma manifestação minuciosa da presença desses negros nas irmandades. A festa que foi alvo do registro de memorialistas como Mello Morais Filho evidenciava

hiatos que não tinham sido compreendidos pela historiografia cultural de Sergipe. Um desses pontos foi sobre o fato da procissão sair da Igreja Matriz. Essa pesquisa confirmou o depoimento do folclorista baiano. A partir da análise iconográfica foi possível perceber que as imagens que saíam nas procissões eram as da Matriz e não as da Igreja do Rosário. Isso reafirma a tese de que a elite lagartense se apropriava da festa religiosa, enquanto os segmentos populares permaneciam celebrando seus patronos no seu entorno socioespacial, ou seja, nas imediações do Largo do Rosário, com as taieiras e congadas.

Essa pesquisa também evidenciou a ação das transformações sócio-religiosas nas devoções. As contribuições financeiras e a influência da confraria do Rosário na vila em aspectos políticos, sociais e religiosos, paulatinamente foram desaparecendo e maçou a emergência de novas devoções.

Assim representamos a identidade da população no Lagarto oitocentista, onde a fê, a pureza e o calvário foram caminhos trilhados para um verdadeiro crescimento espiritual e religioso. Tudo isso acompanhado por interesses econômicos e sociais e conflitos entre o popular e o ortodoxo, entre os pobres e a elite, entre os leigos e o clero. Os fiéis, principalmente os escravos buscavam algo que aliviassem os dias sofridos no cativo em que viviam, encontrando essa paz nas festividades em honra ao santo que mais se assemelhava a eles era o momento de descontração e alegria. Era a ocasião em que a pequena vila assumia uma dinâmica com movimentação pelas ruas, apresentações públicas de fê em diferentes linguagens.

Enfim, a utilização da arte barroca como ferramenta de persuasão na vila do Lagarto realmente funcionou, pois os fieis buscavam nos santos a sabedoria de que precisavam para viver em paz. Viam nas imagens sagradas os verdadeiros remédios que iriam aliviar os dias de aflição e demonstrarem todo o respeito e carinho em forma de agradecimento.